

**A PANDEMIA POR COVID-19 E A POPULAÇÃO TRANS:  
outra invisibilidade?**

*Abmael Cruz Amaral<sup>1</sup>*

*Leticia Pereira Belo<sup>1</sup>*

*Vinicius Novais Gonçalves de Andrade<sup>2</sup>*

**RESUMO:** A pandemia provocada por COVID-19 provocou inúmeras mortes no mundo inteiro, e expôs as vulnerabilidades sociais e estruturais da sociedade brasileira contemporânea, ressaltando a população trans. O ano que mais matou pessoas trans no Brasil foi 2020, colocando-o como o país com maior taxa de assassinatos à população trans. Desta maneira, essa pesquisa tem o objetivo de analisar se a pandemia do COVID-19 fortaleceu a invisibilidade social experimentada pela população trans diante de um contexto em que medidas de isolamento social foram adotadas para conter o avanço do vírus Sars-CoV-2. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura a partir de artigos e livros. Foram utilizados os descritores “População “LGBTQIA+” e “Pandemia” nas bases de dados científicos *ScieLo*, *PePsic*, e o Google Acadêmico. Os resultados da pesquisa apontaram para definições conceituais de gênero (e os termos trans, transexual, travesti e transgênero); discussões sobre a pandemia de COVID-19 e sobre as consequências da pandemia para a população trans brasileira. Concluímos que o processo pandêmico acentuou a invisibilidade desse grupo populacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** Covid-19; Trans; Gênero; Invisibilidade Social.

## **1 INTRODUÇÃO**

A pandemia global, ocasionada pela COVID-19, no ano de 2020, no Brasil, matou aproximadamente 587 mil pessoas, até o presente momento, no território nacional. Com isso, inúmeros problemas sociais, econômicos e políticos existentes anteriormente, se fortaleceram. De forma paralela, no ano de 2020 o Brasil foi o país que mais matou pessoas da população trans (travestis e transexuais) ao redor do mundo.

Uma classe que é marginalizada em nossa sociedade é a das travestis e transexuais (transgêneros ou simplesmente trans), no qual são consideradas minorias sociais e, devido a

---

<sup>1</sup> Acadêmicos do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser – UNIFAN. E-mail: abmaelcruzamaral@gmail.com.

<sup>2</sup> Pós-doutor em Psicologia. Doutor em Psicologia pela PUC - Goiás (com período de doutorado sanduíche na Universidade do Porto na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação). Mestre em Psicologia pela PUC - Goiás. Psicólogo graduado pela PUC - Goiás. Psicanalista. Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser, docente da mesma instituição e orientador da pesquisa. E-mail: viniciusnovais@unifan.edu.br.

fatores de cisnormatividade e heteronormatividade, são alvos de atos de discriminação e violência, (CRUZ *et al.*, 2020). Os marcadores de gênero, raça, nível socioeconômico estão presentes a todo o momento em uma sociedade, e não parecem com o início de uma pandemia global, ao contrário, tendem a se intensificarem e evidenciarem as enormes vulnerabilidades sociais.

Em outras palavras, a invisibilidade social da população trans tende a aumentar o número de violências sofridas por esta população. Deste modo, se faz necessário pensar como o isolamento social impacta as populações que vivem, culturalmente, como escórias da sociedade, (DOURADO; GOMES; SOUZA, 2020).

Conforme Jesus (2012, p. 7), a transexualidade pode ser definida como

uma questão de identidade. Não é uma doença mental, não é uma perversão sexual, nem é uma doença debilitante ou contagiosa. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho. Ela é identificada ao longo de toda a História e no mundo inteiro. O que importa é que a transexualidade não é uma benção nem uma maldição, é apenas uma condição, como tantas outras. A resposta mais simples e completa que define as pessoas transexuais é a de que: Mulher transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como mulher. Homem transexual é toda pessoa que reivindica o reconhecimento como homem.

Do ponto de vista identitário de gênero, as travestis podem ser caracterizadas como:

pessoas que vivenciam papéis de gênero feminino, mas não se reconhecem como homens ou como mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero. É importante ressaltar que travestis, independentemente de como se reconhecem, preferem ser tratadas no feminino, considerando insultoso serem adjetivadas no masculino: AS travestis, sim. Os travestis, não. A nossa sociedade tem estigmatizado fortemente as travestis, que sofrem com a dificuldade de serem empregadas, mesmo que tenham qualificação, e acabam, em sua maioria, sendo forçadas a trabalharem como profissionais do sexo. Entretanto, nem toda travesti é profissional do sexo (JESUS, 2012, p. 9).

Pelo exposto, este artigo tem como objetivo, analisar se com a experiência da pandemia de COVID-19, a invisibilidade social da população trans se potencializou diante um contexto em que medidas de isolamento social são adotadas, prejudicando diretamente profissionais autônomos, como é o caso desta população, em que 90% das mulheres transexuais e travestis trabalham com a prostituição por falta de oportunidades de emprego, (DOURADO; GOMES; SOUZA, 2020).

Inicialmente faremos uma discussão acerca dos aspectos relativos ao gênero, e como ele pode ser explicado como uma construção sócio-histórica e de discurso. Em seguida, descreveremos o que é COVID-19 e como a mesma ressalta as desigualdades sociais. E por

fim, o estudo relacionará os efeitos de COVID-19 na população trans, analisando se as consequências da pandemia intensificam a invisibilidade sofrida pelos mesmos.

## **2 METODOLOGIA**

Para construção desta pesquisa foi utilizada uma metodologia de revisão narrativa de literatura que, do ponto de vista de suas características, “possui caráter amplo e se propõe a descrever o desenvolvimento de determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual, mediante análise e interpretação da produção científica existente” (HIRT, 2016, p. 9). Foi realizada a busca por livros e artigos nas plataformas *online* de informações científicas como *Scielo*, *Pepsic* e Google Acadêmico, com os descritores “População “LGBTQIA+” e “Pandemia”. O critério de seleção/inclusão se deu pelos anos de publicação, a partir de 2017 (portanto, dos últimos 05 anos para manter a atualidade das discussões), e que tivessem relação com os temas: gênero, grupo populacional trans e pandemia por COVID-19. Assim, observou-se a necessidade de elucidar sobre gênero, COVID-19 e a tentativa de construir conhecimento científico sobre as formas pelas quais a população trans foi afetada pelo momento pandêmico contemporâneo.

## **3 DISCUSSÕES, RESULTADOS E/OU ANÁLISE DE DADOS**

### **3.1 Discussões preliminares sobre Gênero**

Segundo Butler (2015), o gênero é uma categoria performativa porque é formado pela estilização de repetições. Para ela, o gênero não pode ser entendido como algo sólido, mas constituído como algo que se repete na história. A concepção de performatividade tem uma função importante na construção e desconstrução de gênero, pois o gênero é formado perante os atos que o sujeito executa em suas relações sociais e de poder (RECKE, 2018).

Butler (2016) utiliza dois conceitos importantes para construir sua argumentação sobre performatividade de gênero, que é a ideia de iterabilidade e citacionalidade. A autora afirma que na exigência social da repetição das normas que habita a força e a vulnerabilidade do ato performativo; a repetição é o que assegura a força da lei, mas é, também, o que permite o seu desacerto de curso, (VIANA, 2020).

Assim, para Butler (2015, p. 69), o gênero “[...] é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser”. De acordo com Butler (2015 *apud* RECKE, 2018, p. 13) “Os vários atos de gênero criam a ideia de gênero, e sem esses atos não haveria gênero algum, pois não há nenhuma ‘essência’ que ele expresse ou exteriorize, nem tampouco um ideal objetivo ao qual aspire”. Em síntese, masculinidades e feminilidades não são naturais e a anatomia não é um destino e um fim último para a experiência de gênero. Os efeitos da naturalização das masculinidades e feminilidades mostram-se na montagem de hierarquias de poder e subordinação e nos acessos e não acessos sociais de algumas expressões de gênero em detrimento de outras, como no caso da pandemia por COVID-19.

### **3.2 Pandemia por COVID-19**

Em dezembro de 2019, a China foi surpreendida por um acontecimento catastrófico, o surgimento do SARS-CoV-2, o qual, logo em seguida, invadiu todos os continentes causando uma pandemia impensada anteriormente; algo que a população de todos os continentes teve que enfrentar e que mostra seus efeitos negativos até o momento atual (NUNES *et al.*, 2020).

Vários países programaram uma série de intervenções para a redução dos danos provocados pela pandemia. Uma dessas intervenções incluiu o isolamento e distanciamento social. Tais medidas foram implantadas de modo gradual e diferentes de acordo com os aspectos culturais, socioeconômicos, de características dos sistemas políticos e de saúde de cada país (AQUINO *et al.*, 2020).

Para Estrela *et al.*, (2020), a instauração da pandemia repercutiu de maneira avassaladora em pessoas que já estavam em situação de vulnerabilidade social por conta da ausência do trabalho, condições inadequadas de moradia e dificuldade de acesso aos serviços de saúde, ou seja, esses sujeitos já eram atingidos, principalmente aqueles com menores rendas e condições sociais desfavoráveis, como a população trans, e continuam sendo atingidos.

### **3.3 A população Trans e a Pandemia por COVID-19: reafirmação de processos de invisibilidade?**

Ao longo da história, a população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais) esteve mais exposta a violências, mortes e violações de direitos e, no período de pandemia ocasionada pela COVID-19, esses eventos tenderam a se intensificar. Segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA (2021), houve um aumento recorde de assassinatos contra travestis e mulheres trans no ano de 2020, sendo considerado o ano com maior número de mortes contra esta população no Brasil, totalizando 175 assassinados, e revelando um aumento de 201% em relação ao ano de 2008.

Logo, esses dados nos revelam uma realidade social cruel. Em 2019, de acordo com a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, o Brasil foi o país com o maior número de homicídios de pessoas trans em todo o mundo (DOURADO; GOMES; SOUZA, 2020).

Estatísticas recentes apresentadas pela equipe do *Transrespect versus Transphobia World Wide* – TvT<sup>3</sup>, entre os anos de 2019 e 2020, o Brasil apresentou um total de 350 casos de assassinatos, permanecendo como o país com mais mortes em todo o mundo. A partir dos números elencados, é possível compreender que o estigma e preconceito contra pessoas trans vão além dos problemas intrínsecos a COVID-19, se constituindo como uma organização estrutural presente na atual sociedade.

A ANTRA, em seu boletim nº 2/2020, registra que se acreditava que durante a pandemia do COVID-19, os números de assassinatos contra as pessoas trans diminuiriam devido a obrigação do isolamento social, entretanto, os dados revelam um contexto em que as vulnerabilidades sociais aumentaram, mesmo diante um cenário de crise sanitária.

A COVID-19 trouxe uma pandemia global, e, historicamente quando ocorre uma crise sanitária, a sociedade tende a passar por mudanças. Trazendo para o contexto atual, as mudanças que o vírus ocasionou afetaram, principalmente, as minorias sociais, economicamente, psicologicamente e socialmente. Dentre as minorias, vale destacar transexuais e travestis.

Como descrito por David Harvey (2020), a COVID-19 se revela como uma pandemia de classe, gênero e raça, na qual evidencia as vulnerabilidades sociais existentes em nossa sociedade. As medidas de segurança não conseguem ser cumpridas por todas as camadas sociais. A fome e a falta de renda prejudicam as políticas de combate ao vírus. Portanto, quando a Organização Mundial da Saúde - OMS orienta os países ao redor do mundo que permaneçam em suas residências para conter o avanço do vírus, exterioriza as pessoas em

---

<sup>3</sup> As atualizações dos resultados estão publicadas no site da TvT. Disponível em: <http://transrespect.org/en/transmurder-monitoring/tmm-resources>.

situação de vulnerabilidade social, que necessitam sair de suas casas para garantir sua subsistência (SANTOS, 2020, p. 5).

“A forma como a pandemia do COVID-19 se move escancara a precariedade da comunidade humana, moldada e movida pelo poder do racismo, da xenofobia, do machismo, do capitalismo e entre outras estruturas de opressões” (DOURADO; GOMES; SOUZA, 2020).

O isolamento social, utilizado como principal medida para combater os efeitos da pandemia a nível global, prejudicou diretamente a população LGBTQIA+, uma vez que os lares nos quais possuem núcleos familiares que não consentem com as vivências de seus filhos, tendem a serem residências violentas (ROCHA; NETO; PIO, 2021).

As casas dos mesmos tendem a ser espaços marcados por opressões, modelo patriarcal e estruturas hierárquicas de poder, ou seja, ambientes que durante a pandemia deveriam garantir a saúde física e mental de seus integrantes, acabam por produzir violência, (LEWIS, 2020). Vale salientar, que o isolamento social associado a invisibilidade social, se encontra presente na população trans antes de quaisquer crises sanitárias (ROCHA; NETO; PIO, 2021).

Um dado relevante que se agravou durante a crise sanitária mundial foram os altos índices de prostituição entre a população transexual e travesti. Conforme Ferreira e Silva (2020), 90% das mulheres transexuais e travestis, em sua maioria negras, semianalfabetas e com baixa expectativa de vida, trabalhavam com a prostituição por falta de oportunidades de emprego, o que as coloca em situação de maior vulnerabilidade psicossocial e, portanto, mais vulneráveis ao COVID-19.

Para Calmon (2020), Oliveira (2020) e Benevides (2021), inúmeras são as adversidades enfrentadas pela população trans que dependem da rua para sobreviverem durante o período da pandemia, tais como episódios de violência, altas taxas de assassinatos, dificuldade de acesso aos serviços de saúde e as políticas sociais, impossibilidade do acesso ao tratamento hormonal, falta de políticas específicas, e invisibilidade social.

Outro agravamento para a população trans foi uma relativa piora na saúde mental dos mesmos. De acordo com a pesquisa realizada pelo Vote LGBT118<sup>4</sup>, 42,72% dos indivíduos elencaram a saúde mental como principal impacto da pandemia, seguido por afastamento de suas redes de apoio e falta de fonte de renda. Além disto, o sofrimento mental se encontra presente em toda a população LGBTQIA+. Conforme uma pesquisa divulgada pela UFMG e Unicamp (2020), “44% das lésbicas; 34% dos gays; 47% das pessoas bissexuais e pansexuais;

---

<sup>4</sup> Diagnóstico LGBT na pandemia. Disponível em: <https://cutt.ly/Nji1JG5>.

e 42% das transexuais temem sofrer algum problema de saúde mental durante a pandemia do novo coronavírus” (DOURADO; GOMES; SOUZA, 2020, s/p).

No que diz respeito ao acesso da população trans aos serviços de saúde, é nítido que a utilização da rede é negligenciada, principalmente na Atenção Primária de Saúde (DE CARVALHO PEREIRA, CHAZAN, 2019), embora na Constituição Federal de 1988 seja previsto no artigo 196 que a saúde é direito de todos e dever do Estado. Questões envolvendo o atendimento prestado pelos profissionais de saúde, muitos deles com ações de discriminação, além da inadequação dos serviços a utilização do nome social do indivíduo são queixas frequentes da população trans (CRUZ *et al.*, 2020). O que deveria ser garantido pelo Estado, não o é, reforçando assim o sentimento de desamparo e solidão em relação às pessoas LGBTQIA+.

#### **4 CONCLUSÕES**

Tendo em vista os aspectos discutidos, podemos afirmar que a população LGBTQIA+ está mais exposta a violências, e que durante a pandemia da COVID-19 se intensificou causando um recorde de assassinatos contra pessoas transexuais e travestis, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais - ANTRA (2021).

Concluimos que as referências discutidas nesta pesquisa revelaram as severas consequências da pandemia em relação à população trans, tais como a fome e a falta de renda, afetando diretamente os grupos vulneráveis. Uma das principais medidas criadas pela Organização Mundial da Saúde – OMS foi o isolamento e distanciamento social como forma de prevenção ao COVID-19, mas essas medidas não estão levando em consideração as pessoas que precisam sair de casa para garantir sua sustentabilidade. Concluimos que o índice de prostituição aumentou entre transexuais e travestis por falta de oportunidades e empregos, se tornando evidente que tais medidas de prevenção, desconsidera a população trans que se expõe ao risco de contaminação para manter a sua sobrevivência, tendo assim seus direitos violados.

Para tentar reduzir esses prejuízos faz-se necessário a construção e efetivação de políticas públicas direcionadas a travestis e transexuais, além de discussões acerca de novas maneiras de estabelecer relações sociais, pois essa pesquisa demonstrou um padrão de invisibilidade e vulnerabilidade em relação a esse grupo, intensificadas por consequência da pandemia.

## REFERÊNCIAS

- ANTRA. **Boletim nº 02/2020**. Assassinatos contra travestis e transexuais em 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/11/boletim-2-2020-assassinatosantra.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.
- BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim (Orgs.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.
- BRASIL. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. ANTRA. **Mapa dos Assassinatos**. 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/07/boletim-trans-002-2021-1sem2021-1.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Artigo 196, dispõe sobre a saúde como direito de todos e dever do Estado. Brasília, DF. Disponível em: [http://conselho.saude.gov.br/web\\_sus20anos/20anossus/legislacao/constituicaoafederal.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_sus20anos/20anossus/legislacao/constituicaoafederal.pdf) . Acesso em: 05 set. 2021.
- CALMON, Tricia Viviane Lima. As condições objetivas para o enfrentamento ao COVID-19: abismo social brasileiro, o racismo, e as perspectivas de desenvolvimento social como determinantes. **NAU Social**, v. 11, n. 20, p. 131-136, 2020.
- CRUZ, Luan Chagas da *et al.* Vulnerabilidade da População Trans no Acesso à Atenção à Saúde: Contexto Pandêmico. *In*: TORRES, C. A.; GADOTTI, M. (Orgs.). **Diálogos Contemporâneos: Gênero e Sexualidade na Pandemia**. São Luíz: Expressão Feminista, 2021. p. 17-27.
- DE CARVALHO PEREIRA, Lourenço Barros; CHAZAN, Ana Cláudia Santos. O Acesso das Pessoas Transexuais e Travestis à Atenção Primária à Saúde: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 14, n. 41, 2019. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/06/996051/1795-10932-1-pb.pdf> . Acesso em: 07 set. 2021.
- DOURADO, Adalberto Davi Cruz; GOMES, Amanda Costa; SOUZA, Daniela de Andrade. Pandemia da Covid-19: a vulnerabilidade social das pessoas trans e travestis a luz da Teoria Queer. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA DA UFS, 3., 2020, São Cristóvão, SE. **Anais [...]**. São Cristóvão, SE: PPGS/UFS, 2020.
- ESTRELA, Fernanda Matheus *et al.* Pandemia da Covid 19: refletindo as vulnerabilidades a luz do gênero, raça e classe. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 3431-3436, 2020.
- FERREIRA, Lola; SILVA, Vitória Régia. 2020: O ano da pandemia e seu impacto nas mulheres, pessoas negras e LGBT+. **Gênero e Número**, 22 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.generonumero.media/retrospectiva-2020/>. Acesso em: 10 set. 2021.
- HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. *In*: DAVIS, Mike *et al.* Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020. 48p.

JESUS, J. G. **Orientações sobre a população transgênero: conceitos e termos.** Brasília, 2012. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES\\_POPULA%C3%87%C3%83O\\_TRANS.pdf?1334065989](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989). Acesso em: 06 set. 2021.

LEWIS, Sophie. A crise do coronavírus mostra que chegou a hora de abolir a família. **Blog Boitempo**, 30 de março de 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/30/a-crise-do-coronavirus-mostra-que-chegou-ahora-de-abolir-a-familia/>. Acesso em: 03 set. 2021.

NUNES, Renata *et al.* Manifestações Neurológicas da COVID-19. **Revista Científica Hospital Santa Izabel**, v. 4, n. 3/4, p. 135-138, 2020.

OLIVEIRA, Alessandra Mawu Defendi. *La realidad de mujeres transexuales y sus movimientos sociales en Sudamérica en tiempos de COVID-19.* **Revista Ciencias y Humanidades**, v. 10, n. 10, p. 101-131, 2020.

PESCARINI, Julia *et al.* Medidas de distância social para controle da pandemia COVID-19: Potenciais impactos e desafios no Brasil. *Medidas de distância social para controle da pandemia COVID-19: Potenciais impactos e desafios no Brasil*, 2020.

RECKE, Amanda. Performatividade de gênero: Judith Butler e uma crítica a alguns conceitos desenvolvidos pelas teorias feministas tradicionais. **PAULUS: COMFILOTEC**, v. 7, n. 4, 2018.

ROCHA, Thaynara Ferreira; CARVALHO NETO, Emanuel de Jesus; PIO, Marco Aurélio de Jesus. A (Des)Construção Social da Homofobia e os efeitos da pandemia da Covid-19 na Comunidade Lgbtqia+. *In: TORRES, C. A.; GADOTTI, M. (Orgs.). Diálogos Contemporâneos: Gênero e Sexualidade na Pandemia.* São Luiz: Expressão Feminista, 2021. p. 02-16.

SANTOS, Laís Silveira. Dilemas morais da gestão pública brasileira no enfrentamento da pandemia do novo coronavírus. **Revista de Administração Pública**, v. 54, n. 4, p. 909-922, 2020.

VIANA, Igor. Políticas da performatividade: a experiência da Praia da Estação em Belo Horizonte e a afirmação de um direito menor. **Revista de Ciências do Estado.** Belo Horizonte: v. 5, n. 1, e 15143, 2020. ISSN: 2525-8036.